ANDARILHO

ANDARILHO

Jangadeiro, Que peixe pescou no mar?
Que notícias trazes de lá, Do oceano teu Deus?
Fala um pouco das tempestades.
Do amor e das estórias estranhas e tristes,
Da jangada em seu último adeus,
Levando consigo sonhos velhos de pescador.
Pouco sei jangadeiro; sou andarilho,
Que na estrada espreita o mar.
Vendo a mulher que anda na areia,
Com os olhos no infinito,
A voz dela abraçando o vento,
Pedindo para você logo voltar.
As conchas e pérolas, como vêm?
Qual a emoção desses marujos,
Dos astutos lobos-do-mar,
Entoando a conhecida canção, Falando da ausência de alguém?
Também amo, distante jangadeiro.
É um amor que se parece com o oceano.
Com olhos de verde-saudade na retina
E o canto da sereia que alucina. Igual ao mar que te chama,

O antigo flerte todas às vezes,
prefacio
Em que as ondas arrebentam nos arrecifes,
Escrever é ter o que dizer.
Soçobrando nas rochas a esperança de quem ama.

COMUNICAÇÃO

Uso metáforas. Prosopopéias.
Recursos normais de linguagem.
Para me fazer entender,
Deturpo a palavra domesticada.
Talvez fira os axiomas e a língua pátria,
Com a ingenuidade típica Que me foi herdada.
Falo errado e até com gíria.
O sentido é vago e a idéia é vã.
Sem colóquio e dialeto definido,
Apenas frases do cotidiano.
Comunico-me pelos desenhos e hieróglifos.
Através das mensagens velhas dos alfarrábios
E que anunciam a mídia.
Digo da minha esperança,
No meu silêncio, e os olhos transportam Minha fé para o céu.
Choro dores de sofrimento quando grito, Se ele é contido,
Me enche de vazios.
Comunico-me em Braile,
Apalpando as construções gramaticais.

EXÍLIO

Sem pontos e vírgulas, eu não me encontro. Entendo
nas entrelinhas,

Nas distorções de xerox barata.
O que realmente importa?
Sou o poliglota que se expressa na rima, Na
Do que um grão de sonho À nossa porta,
concordância verbal.
E um pedaço de chão No fim da vida.
Falo de deus e dos homens
Com a imagem distante
Em estrofe tranquila de poesia.
De uma lembrança entristecida,
Sei conversar em inglês, Mas o que eu quero mesmo,
Contudo seja, além de uma mágoa,
É saber de ti.
O eterno partir dos homens.
Por que não se comunica comigo?
Somente essa vez,
Gesticula.
O derradeiro adeus em delírio,
Pronuncia os pronomes possessivos.
Da alma que vagueia
O teu, o meu, o nosso destino acredite,
Em exílio longe daqui.
É traçado nos diálogos, nas conversas sinceras, De
Urgente será o tempo,
dois bons amigos.
Em que voltarei, destituído,

De todas as coisas más que conheci.

O meu coração mais puro, íntegro e feliz.

Há muito não vejo o Sol,

Dormindo na terra genitora.

Essa de cujos braços guardo enorme saudade.

O céu lá em cima,

Sem limite para minha liberdade,

Que desde menino,

Foi terna professora.

De todos os rumos, desvios e aprumos,
O que mais me aflige, os amigos que deixei.
Subitamente dos olhos, arrancados.
Mas tenho, no entanto,
A força da esperança em desvario,
O grito aflito que ressoa pelos ares.
Vem pra mim, irmã alada.
Dê tuas asas para que possa,
À minha terra voltar, no sul do poente,
De regresso ao meu lar.